

AMBIENTE ESCOLAR NOTURNO E SEUS SIGNIFICADOS PARA OS JOVENS ESTUDANTES EM UMA ESCOLA NO MEIO RURAL

Astrogildo Fernandes da **Silva Júnior** - UFU

Leonardo Donizette de Deus **Menezes** - UFU

*Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou a luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não ta na saudade
E constrói a manhã desejada....
(Gonzaguinha)*

Introdução

Nossa experiência como professores e pesquisadores em escolas no meio rural nos permite afirmar que estas são espaços sócio culturais. Isso implica compreendê-las no seu fazer cotidiano, em que os sujeitos não são apenas agentes passivos ante à estrutura. Concordamos com Dayrell (1996) ao afirmar que a escola, como espaço sócio cultural, deve ser entendida em sua dupla dimensão. Por um lado, institucionalmente ordenada por um conjunto de regras e normas que tem como finalidade unificar e delimitar a ação dos sujeitos. Por outro lado, cotidianamente caracterizada por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos.

Escolhemos como epígrafe o trecho da canção de Gonzaguinha por comungarmos com o poeta na crença em relação à juventude brasileira e na sua importância na transformação de nossa sociedade. Acreditamos que a escola tem um papel fundamental na formação dos jovens brasileiros para enfrentar os desafios e lutar por um mundo mais justo, humano e democrático.

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa acerca do significado da escola para jovens estudantes do período noturno no meio rural. A investigação foi realizada, no ano de 2008, na Escola Estadual Artur Bernardes, localizada no Distrito de Amanhece, município de Araguari, MG. Dois aspectos se fizeram relevantes para a investigação. Um pela natureza da diversidade, ante a fenômenos como o da migração e da inserção das novas tecnologias; outro, em consequência de políticas de redução de custos no âmbito educacional quando, com frequência, acontecem fusão ou fechamento

de turmas. Portanto, acreditamos na necessidade de conhecer quem é esse aluno. Afinal, qual o sentido da escola para esse estudante? Qual o ambiente de ensino preferido? A partir de referenciais teóricos como Dayrell (1996), Abramo (2005), Carneiro (2005), Godoy (1989), dentre outros, é que delimitamos nossos objetivos: 1) traçar um perfil dos estudantes de uma escola rural, de período noturno; 2) compreender o significado da escola para esses alunos; 3) registrar o ambiente de ensino predileto.

Privilegiamos, neste estudo, a abordagem quanti-qualitativa por entendermos que por meio dela, podemos tratar nosso objeto de pesquisa sob o prisma da complexidade e multiplicidade, considerando o quantitativo de estudantes colaboradores da investigação. A pesquisa qualitativa, segundo Gonzáles Rey (2002), remete à produção do conhecimento por parte do pesquisador que não se preocupa, unicamente, em acumular dados, nem muito menos em provar ou verificar, mas essencialmente construir. O pesquisador e os sujeitos da pesquisa são vistos como produtores do conhecimento, protagonistas principais no cenário investigado. Contudo utilizaremos de recursos numéricos, a fim de possibilitar, ao leitor, condições de colocar suas subjetividades na análise dos resultados.

Funcionavam, na escola investigada, no ano de 2008, cinco turmas no turno noturno, sendo duas turmas do Ensino Fundamental, oitavo e nono ano, e três do Ensino Médio, primeiro, segundo e terceiro ano. Para a coleta de dados, utilizamos como metodologia o questionário. Depois de realizada a avaliação preliminar do questionário servido das contribuições necessárias, aplicamo-lo a 39 alunos, dos 67 matriculados e frequentes. Não participaram os estudantes da primeira série do Ensino Médio, haja vista que estes, no período de aplicação do questionário, encontravam-se em semana de avaliações bimestrais e do Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar - PAAE.

O questionário foi estruturado em três partes. A primeira tratou de informações gerais sobre os seguintes aspectos: nome, idade, etnia, religião, local de nascimento, local de residência, situação civil, situação em termos de mercado de trabalho, condições de vida familiar, participação em movimentos sociais, que tipo de informação preferem e quais as atividades de lazer no tempo livre.

Na segunda parte, constituída de questões abertas, nosso objetivo foi proporcionar aos alunos reflexões acerca de seu histórico escolar. Solicitamos que respondessem a questões como: com que idade começou os estudos, se já parou de estudar, se já foi reprovado, o que o fez retornar os estudos e que importância atribui na vida, na casa, com os amigos, no trabalho, no lazer.

A terceira parte do questionário, constituída de questões fechadas, as quais possibilitavam a escolha de mais de uma alternativa, teve como intuito de conhecer e registrar o ambiente de ensino preferido pelos alunos. Compunham esse item as questões: quais as técnicas consideram mais importante para seu ambiente de ensino, de que tipo de professor mais gostam, de que tipo de professor não gostam, que tipo de avaliação preferem e, por fim, qual a forma de trabalhar o conteúdo preferem.

O texto está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresentamos o perfil dos estudantes do turno noturno da escola investigada; na segunda, analisamos o sentido da escola para esses alunos; na terceira registramos o ambiente de ensino preferido e, finalmente, tecemos nossas considerações.

1. Quem são os jovens sujeitos da pesquisa?

Inicialmente os resultados, que revelam o perfil dos estudantes, sujeitos desta pesquisa, nos permitem afirmar que a maioria dos estudantes do turno noturno são jovens (32), enquanto que apenas (7) se encontram acima dos 29 anos. De acordo com o Projovem e com a Secretaria Nacional de Juventude, o grupo de idade que corresponde de 15 a 29 anos é o que vem se tornando convenção, no Brasil, para a abordagem demográfica sobre juventude. É a faixa etária que se relaciona ao arco de tempo em que, de modo geral, ocorre o processo relacionado com a “transição” para a vida adulta. É oportuno afirmar que os estudos sobre juventude e as políticas públicas concebem que os jovens têm de ser considerados como sujeitos de direitos.

Entendemos que o conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares que tendem à homogeneização. A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades de ser jovem. Dessa forma, compreendemos que os jovens do meio rural brasileiro possuem especificidades, conforme se observa nos dados a seguir.

Dos colaboradores de nossa investigação, constatamos o número de (26) mulheres e (13) homens. (30) nascidos em diferentes regiões do estado de Minas Gerais e (9) provenientes de outras unidades federativas, sendo estas: São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Paraná, Goiás, Distrito Federal, Pernambuco e Alagoas. Dos alunos investigados, (30) residiam em fazendas que variam a distância entre 1 a 40 km da escola.

Quanto ao estado civil, (27) eram solteiros, (4) casados, (7) amasiados e apenas (1) separado. Conforme Carneiro (2005), os jovens do campo trabalham para sobreviver aos 15 anos e, às vezes, assumem o papel de chefe de família, são casados e têm filhos. (12) participantes têm filhos, que, ao todo, somavam (21). Quanto à religiosidade quase que a totalidade praticava o catolicismo (36). Já a etnia ficou caracterizada por pardos (18), os que se declararam brancos (13), negros (06) e os que não sabiam dizer (2).

A análise dos dados nos possibilita assegurar que a escola investigada é um espaço multicultural. No caso específico da E. E. Artur Bernardes, podemos asseverar que a migração é um fenômeno que caracteriza o ambiente escolar. São diferentes culturas, diferentes necessidades, dificuldades e possibilidades que compõem o cenário dessa escola. Faz parte desse espaço escolar a pluralidade cultural: diferenças étnicas, raciais, regionais, religiosas, etárias, sexuais, de gênero e de classe social. De acordo com o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, estabelecido pela ONU - Organização das Nações Unidas, podem-se considerar os alunos como sendo de classe média-baixa. Todos os membros da família trabalhavam nas atividades agrícolas e/ou desenvolviam atividades informais para a garantia do sustento familiar. Culturalmente, os alunos tinham dificuldades de acesso aos meios de comunicação escrita, como jornais e revistas, o que dificultava o hábito da leitura e, conseqüentemente, da escrita.

O interesse dos pesquisadores brasileiros sobre o universo social e cultural dos jovens rurais é recente e ainda bastante limitado. Segundo Carneiro (2005), as pesquisas sobre a organização social no campo referem-se ao jovem apenas na condição de membro de equipe de trabalho familiar, ou como trabalhador fora do estabelecimento familiar, completando a renda da família com salários baixos. De acordo com a autora:

Vistas dessa maneira desde a ótica do trabalho, a “juventude rural” – categoria fluida, imprecisa, variável e extremamente heterogênea - permanece na invisibilidade quanto a sua participação nas demais esferas da vida social, dificultando, assim, a compreensão de sua complexa inserção num mundo culturalmente globalizado (CARNEIRO, 2005, p. 244).

Compartilhamos com a autora sobre a necessidade e a importância de perceber e conhecer o rural no contexto no qual se encontra. Respeitadas as suas especificidades e os casos particulares, as fronteiras que antes delimitavam o precário do campo com o do conforto do urbano, o homem da roça e o homem da cidade, o ignorante dos civilizados, etc, já se encontram num processo considerável de desconstrução e, portanto, não faz mais sentido.

Assim sendo, continuamos a apresentar os estudantes rurais analisando as condições de vida familiar e a sua situação em termos de mercado de trabalho: (19) moravam em casas próprias regulares, enquanto que um residia em casa própria irregular. Outros (12), em casa alugada, (6) em casa cedida por outrem e (1) em abrigo. (37) declararam disponibilizar de rede elétrica; a maior parte gozava do benefício de ter água tratada (17), número este, que se repetiu também, aos que tem suas ruas asfaltadas. Apenas (3) possuíam rede de esgoto. As condições concretas de vida dos estudantes expressam o modo como às relações se dão na sociedade capitalista excludente.

Quanto à inserção no mundo do trabalho, os colaboradores afirmaram trabalhar em diversas ocupações, cujas atividades não dependiam de uma formação educacional formal, escolarizada, mas aprendidas por meio da prática, desde cedo, ou de cursos de curta duração e/ou treinamento. Os dados revelaram que apenas (7) estavam regulamentados pela lei, enquanto que (10) encontravam-se empregados sem Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada, e (11) estavam desempregados e realizavam atividades informais, como as descritas anteriormente.

A investigação nos permitiu afirmar que, na região, são múltiplas as formas de inserção produtiva e ocupacional dos jovens colaboradores. Esta característica é chamada de pluriatividade. Schneider e Radomsky (2003) definem como pluriativas as unidades familiares em que os membros que residem nesses domicílios combinam a ocupação agrícola com outras atividades não agrícolas. De acordo com os autores,

A pluriatividade refere-se a um fenômeno de grande relevância para manutenção e geração de novas oportunidades de ocupação no meio rural, as atividades agrícolas caminham na direção inversa, pois são desempregadoras de mão-de-obra e, por isso, contribuem como causa principal a expulsão da população do meio rural da região não-metropolitana (SCHNEIDER, RADOMSKY, p.14).

Na região, existiam diversos tipos de atividades não-agrícolas, que empregavam moradores locais rurais, como no posto de gasolina, restaurantes, fábrica de doces, artesanato, supermercados, salão de beleza, diaristas. Muitos prestavam serviços no transporte escolar, além de funcionários públicos da educação, da saúde e “rancheiros”. O crescimento recente das ocupações não-agrícolas e da pluriatividade das famílias rurais pode ser entendido como consequência do processo de modernização agrícola, que tem características excludentes. As atividades não-agrícolas representam uma

chance de sobrevivência, em geral, precária para produtores sem acesso à tecnologia, com terra insuficiente e crédito escasso.

Quando interrogados sobre as atividades sócio culturais de que participavam e que representavam seus interesses e preferências pessoais, obtivemos os seguintes dados: (9) não participavam de atividades sociopolíticas e culturais; (3) participavam de movimento de moradores; (5) de movimentos político-partidários; (3) de movimentos do sindicato da profissão; (13) de atividades artísticas, culturais e artesanato; (7) de grupos diversos que prestam serviços voluntários à comunidade; (7) de movimentos ecológicos e de defesa do meio ambiente; (14) de grupos religiosos. Destacaram-se as participações nas atividades artísticas e religiosas. Segundo Costa (2005), esses lugares de inserções sociais são também lugares de interações sociais e influenciam os interesses e as necessidades do grupo.

Sugerimos que os colaboradores assinalassem quatro tipos de informações de suas preferências e obtivemos os seguintes resultados: (4) política; (4) notícias internacionais; (3) classificados de negócios; (12) assuntos científicos; (15) informática; (7) economia; (5) notícias policiais; (19) esportes; (20) emprego; (5) classificados eróticos/sexuais; (22) notícias locais; (15) cultura/lazer/literatura; (10) veículos; (10) religião.

Percebemos que as notícias locais eram as informações que mais despertavam o interesse no rural. É próprio dessa população ter grandes ciclos de amizades ou de conhecidos. Outro dado que retomará as nossas discussões, na próxima parte, é a preocupação com o emprego. Podemos interpretar esses dados como um alto grau de insatisfação dos alunos pelas atividades as quais executam. Sejam pelas condições de trabalho ou pelos períodos cíclicos que ficam desempregos. Percebemos que gostam de esportes e se interessam pelas tecnologias.

Com o intuito de aprofundar o conhecimento acerca dos jovens estudantes do período noturno da escola rural investigada, orientamos a marcarem até cinco atividades de lazer que realizavam em seu tempo livre. Os dados revelaram que quase a totalidade, (36) assistiam à televisão; (19) assistiam a shows; (11) saíam para dançar; (2) frequentavam o cinema; (9) praticavam esportes (futebol); apenas (1) tocava instrumento musical; a grande maioria, (29) ouviam músicas e (30) encontravam os amigos; (15) praticavam a leitura; apesar de gostarem, apenas (6) assistiam a competições esportivas; (13) gostavam de jogos (baralho, bingo, vídeo game). Observamos que o lazer é bem diferenciado, quase sempre, restrito à TV, ao Som e aos

laços de amizades, o que pode ser explicado pela falta de recursos. Poucos praticavam uma atividade física regular, e quase não apareceu o estudo de instrumentos musicais.

Segundo Martins e Souza (2007), a esfera das escolhas de lazer muitas vezes está condicionada a condições materiais para torná-las práticas concretas incorporadas a vida do jovem. Por outro lado, os gostos também são produzidos a partir do universo sociocultural, não estando, essa dimensão restrita a características puramente individuais, livres de qualquer influência do meio ou das condições sociais e econômicas nas quais se insere o jovem.

Os dados revelaram que, no atual contexto sócio, econômico e cultural, as fronteiras entre o rural e o urbano diminuem, e, cada vez mais, diferentes universos culturais se interpenetram. O rural como sinônimo de agrícola não existe mais. Emerge aí uma juventude rural que nos mobiliza e nos desperta o interesse em verificar como esses jovens que se (trans)formam em meio às suas experiências e complexidades, atribuem sentido à educação escolar.

2. O significado da escola para os sujeitos da investigação

A análise dos questionários, respondidos pelos sujeitos da nossa investigação, possibilitou-nos entender a escola como um espaço sócio-cultural. De acordo com Dayrell (1996), isso significa compreendê-la na ótica da cultura, ou seja, sob um olhar mais denso, que considera a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, estudantes e professores, seres humanos de “carne e osso”, sujeitos sociais e históricos. Refletir sobre a escola, como um espaço sócio-cultural, implica resgatar os sujeitos da trama social que a constituíam como instituição. Ou seja, o que significa a escola para os sujeitos que nela atuam?

Ao questionarmos sobre a importância dos estudos na vida, na casa, com os amigos e no lazer, deparamo-nos com uma diversidade de respostas, fato que comprovou a pluralidade que caracteriza o ambiente escolar. Para alguns, ir à escola após uma jornada diária de trabalho significava a oportunidade de ter um bom currículo, garantir sua inserção no mercado de trabalho, alcançar a estabilidade financeira e de terem a condição de ir alcançando empregos sempre melhores. Demonstraram saber da competitividade que terão de enfrentar, pois, de acordo com a própria lógica desse mercado, um determinado nível de escolaridade é um pré-requisito para o exercício de uma determinada profissão. Além de mencionarem, com frequência, nas categorias vida

e trabalho, essa preocupação também apareceu quando refletiram sobre a importância dos estudos em relação aos amigos. Consideraram o estudo como essencial para garantir melhor desempenho nos serviços a serem realizados.

A importância da necessidade profissional como razão para continuar os estudos parece indicar que ser escolarizado, na sociedade atual, é condição básica para participação autônoma e independente na vida social. Essa condição possibilita a inserção no mercado de trabalho e o acesso aos bens culturais. No que se refere à necessidade pessoal, ao que tudo indica, os alunos consideram que estudar amplia seu espaço de socialização, de convivência social, de reconstrução da autoestima. Segundo Carneiro (2005), a escola não tem importância apenas como um meio facilitador do acesso ao mercado de trabalho é também um espaço onde se fazem amigos.

A preocupação de manter os vínculos de amizade e ampliar os seus círculos também se fez presente em todas as turmas investigadas. Apontaram a importância de estudar para terem algo em comum, em que poderiam compartilhar conhecimentos, aprenderem uns com os outros, descobrirem assuntos interessantes para conversar.

Nas análises, questões englobaram o âmbito familiar e apontaram sentimentos de gratidão aos pais e de preocupação com os filhos. Alguns revelaram querer compensar os pais pelos anos de dedicação; outros procuraram formas de melhorar o relacionamento com os familiares, enquanto que alguns pensavam em ajudá-los financeiramente.

Com relação ao lazer, confirmando os dados supracitados, os alunos visualizavam a sua prática numa possibilidade futura. Relatos como: “É preciso se esforçar hoje para no futuro brincar um pouco”, “É preciso estudar para ser feliz”, “pelo estudo terei possibilidades de conhecer novos países, lugares ou cidades”, “conhecer outras pessoas”, foram encontrados de maneira significativa nos questionários. Com menos intensidade, houve os que pensavam no estudo como uma relação imediata para o lazer.

A seguir, com base na análise da terceira parte do questionário, registramos e refletimos sobre o ambiente de ensino predileto para os estudantes colaboradores da investigação.

3. O ambiente de ensino preferido para os alunos de escolas no meio rural

Segundo Godoy (1989), no campo da investigação educacional, o ensino em sala de aula constitui-se numa temática ampla, que pode ser estudada a partir de vários ângulos, utilizando-se diferentes metodologias de pesquisa. Nesta investigação, levantamos informações sobre as preferências dos alunos, estudantes do turno noturno em escolas no meio rural, que se refere ao ambiente de aprendizagem. Acreditamos que os resultados possam oferecer informações bastante proveitosas aos docentes que desejam compreender melhor a dinâmica das salas de aulas, na realidade específica do turno noturno de escolas localizadas no meio rural.

De acordo com Godoy (1989), a aprendizagem é uma consequência dos efeitos interativos de diferentes tipos de alunos com diferentes abordagens de ensino, o autor ressalta que é importante estarmos atentos para essa diferenciação. Porém isto não significa a adoção de uma visão estreita de que o ambiente de ensino deva ser organizado para satisfazer a características e preferências do aprendiz. O que importa é conhecer as expectativas do aluno para poder atuar a partir delas, inclusive, para promover mudanças.

Ao levarmos em conta as técnicas que os jovens consideram mais importantes para o seu ambiente de aprendizagem, o computador se destaca sendo apontado por (26) participantes. Outros recursos também foram avaliados: apostilas, livros didáticos e filmes (21); aula expositiva (18); quadro-negro (15); teatro (13) e retroprojeto (10). A quantidade de recursos que os estudantes relacionaram, demonstrou a preferência por aulas diversificadas. É preciso destacar a vontade de aproximação desses jovens com as tecnologias.

Segundo Veiga (2006), algumas técnicas podem proporcionar a participação do aluno. Comungamos com a autora, ao afirmar que:

Não são as técnicas que definem o ideal educativo, mas o contrário. Assim, é possível usar o computador, o videocassete, o retroprojeto como recursos didáticos que enriquecem o emprego de técnicas sem ser tecnicista. É possível utilizar as narrativas, a Aprendizagem Baseada em Problemas e o Trabalho de Grupo, pois exercitam o aluno para a independência intelectual e não para a subordinação. É possível empregar o Módulo de Ensino, o Projeto de Ação Didática, a Unidade Didática, sem exigir do aluno a memorização de conteúdos encurtados e fragmentados. É muito importante para o processo didático que as técnicas de ensino não obscureçam a necessária intersubjetividade entre professor e aluno e entre os próprios alunos (VEIGA, 2006, p. 8).

É importante que haja a incorporação e a diversificação do número de fontes e problemas com o objetivo de evitar a exclusão e a simplificação operadas pelos livros didáticos. No espaço complexo, diverso, multicultural, que caracteriza as escolas rurais, o trabalho de grupo pode se apresentar como uma alternativa enriquecedora. Segundo Amaral (2006), o trabalho de grupo é uma técnica didática utilizada com a finalidade de promover a aprendizagem de determinados conteúdos, podendo ser de natureza afetiva, cognitiva ou social. De acordo com a autora, um bom trabalho de grupo deve buscar contemplar, ao mesmo tempo, as diferentes dimensões da aprendizagem.

Questionados quanto ao tipo de professor de que mais gostavam, (34) apontaram para os que eram abertos ao diálogo, mas também preocupados como o conteúdo; (25) para professores que variavam sua forma de ensinar; apenas (1) apontou professores que conversavam com os alunos e não se preocupavam tanto com os conteúdos, e (17), professores que utilizavam palavras de elogios e encorajamento para com os alunos. Observamos que os alunos, no meio rural, da escola investigada, no período noturno, demonstraram valorizar a escola e o processo educacional em si, pois, mesmo cansados depois do dia de trabalho, tinham uma preocupação em aprender. Manifestaram a preferência por professores que manifestavam afetividade aliada aos conhecimentos referentes ao conteúdo lecionado.

Castanho (2001) discute sobre o professor inesquecível, ideal. Segundo a autora, as boas lembranças superam as lembranças de maus professores. São descritos os professores que “amavam o que faziam”, que “valorizavam o aluno”, que “sabiam explicar muito bem a matéria”, que “motivavam as aulas”, que eram “seres humanos ímpares” (CASTANHO, 2001, p. 155).

Interrogados sobre o tipo de avaliação que os estudantes preferiam, a maioria dos alunos, (34), assinalaram como opção a que apontava professores que usavam vários procedimentos para avaliar; (10) optaram pelos professores que avaliavam utilizando apenas a avaliação individual com consulta; (1), individual sem consulta; (6), professores que avaliavam apenas com trabalhos em grupos para pesquisa. É evidente a preferência por docentes que utilizavam diversas técnicas de avaliação. Ante as suas expectativas quanto às questões de socialização e emprego, a avaliação diversificada pode ser vista como uma oportunidade para desenvolver habilidades individuais e de trabalhar em grupo.

Segundo Oliveira (2006), a avaliação precisa ser colocada no centro do sistema didático. Para o autor, o professor deve priorizar o viés qualitativo da avaliação sobre o

que é ensinado e aprendido, utilizando-se de instrumentos apropriados, acrescentando, em sua prática pedagógica, as práticas avaliativas formativas e contínuas. Assim, acreditamos que a avaliação da aprendizagem do ensino em escolas no meio rural no período noturno, pode alicerçar-se numa perspectiva dialógica, mediadora e formativa, abrindo caminhos para uma aprendizagem significativa.

Quanto à forma de trabalhar o conteúdo, (17) dos colaboradores optaram por professores que iniciavam a aula com um resumo do que era explicado; (18) preferiam professores que falavam da importância do conteúdo para a vida social; (14) os que consideravam os saberes dos alunos no conteúdo trabalhado; (10) professores que faziam a revisão da matéria anterior; (7) professores que falavam mais e trabalhavam com poucos exercícios, e somente (2) fizeram a opção por professores que trabalhavam com muitos exercícios.

Esses dados nos permitiram visualizar as tendências gerais das respostas dos alunos em relação ao ambiente escolar. A pesquisa reafirmou, nos diversos pontos, que os colaboradores valorizavam professores que mantinham uma postura de diálogo com os estudantes, inclusive, com abertura para conversas informais e de caráter pessoal; que usavam como recurso didático o computador; que utilizavam de instrumentos diversificados de avaliação; que possibilitassem uma visão geral do assunto a estudar e que faziam a relação do conteúdo abordado com a vida social. Acreditamos que as informações obtidas nesta investigação são relevantes para aqueles preocupados com a sala de aula em escolas no meio rural.

Considerações finais

Entendemos o rural como uma categoria histórica que se transformou, nos diferentes momentos, como um espaço diverso, plural nos aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais. O mundo rural é maior que o mundo agrícola. A migração é um fenômeno que caracteriza o ambiente escolar. São diferentes culturas, diferentes necessidades e dificuldades e possibilidades que compõem o cenário dessa escola. Faz parte desse espaço escolar a pluralidade cultural: diferenças étnicas, raciais, regionais, religiosas, etárias, sexuais, de gênero e de classe social.

Dessa forma, pensar em um projeto pedagógico que tenha a pretensão de atender os jovens que estudam, acreditam e depositam esperanças em escolas noturnas no meio rural, requer perceber esse aluno não apenas como um trabalhador, pois esse jovem exige muito mais, quer decidir por si mesmo o destino de sua vida. Reivindica o direito

à individualidade, à provisoriedade, a reversibilidade das escolhas, enfim, o direito de mudar e de dirigir sua existência.

Esse pressuposto encontra seu fundamento em uma perspectiva sociocognitiva da aprendizagem, que reconhece a importância da dialogicidade e da problematização para a incorporação das experiências sociais dos sujeitos, bem como para a construção dos objetos de conhecimento. Nesse sentido, é possível propiciar aos sujeitos possibilidades de expressão de suas vivências com marcas de subjetividade e objetividade.

A análise dos questionários pareceu-nos constituir uma possibilidade bastante viável para a obtenção de informações que promovessem uma compreensão mais acurada acerca do significado da escola para os estudantes do período noturno de escolas localizadas no meio rural. Os dados empíricos objetivos possibilitaram identificar as marcas das situações existenciais, as especificidades sociais, culturais e éticas que esses alunos carregam consigo. Foi possível conhecer o ambiente de ensino preferido dos estudantes e a importância da escola para eles.

Comungamos com Dayrell (1996), ao afirmar que, para a aprendizagem se efetivar, é necessário levar em consideração o aluno em sua totalidade, retomando a questão do aluno como um sujeito sócio-cultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem. A escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem cada um de nós seres humanos. Acreditamos que os resultados desta investigação possam ser aproveitados em projetos dedicados à melhoria da atuação docente, na realidade específica do período noturno em escolas rurais.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Ana Lúcia. O trabalho de grupo: como trabalhar com os “diferentes”. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (Orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

COSTA, José Raimundo Lisboa. **Ensino de História na Educação de Adultos: entre o ensinado e o vivido – as dimensões da consciência histórica**. Tese (Doutorado em

Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (org). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

ABRAMO, H. W., BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W., BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira**. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2005.

GODOY, ARILDA SCHMIDT. **Ambiente de ensino preferido por alunos do terceiro grau: um estudo comparativo**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: 1989.

GONZALEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. Trad: Marcel A. F. Silva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MARTINS, C.H.S. E SOUZA, P.L.A. Juventude e participação na contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. In: ABRAMOVAY, M. ANDRADE, E. R. E ESTEVES, L.C.G. **Juventude: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2007.

OLIVEIRA, Zeli Alvim. **Saberes e Práticas Avaliativas no Ensino de História: o impacto dos processos seletivo (PAIES E VESTIBULAR/UFU) e do ENEM na avaliação da aprendizagem no Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG, 2006.

SCHNEIDER, S. E RADOMSKY, G.F.W. **A PLURIATIVIDADE E AS TRANSFORMAÇÕES DO MERCADO DE TRABALHO RURAL GAÚCHO: estudo de caso no município de Barão**. (A ser publicado no livro da fase III do Projeto Rurbano – no prelo) Julho de 2003. Site <http://www.rurbano.br>. Acesso 25/09/2005.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006.